POEIRA VIVA.

Graciliano Ramos, Nelson Pereira dos Santos e*Vidas secas*.

Marcos Silva

(Depto. de História da FFLCH/USP)

O filme *Vidas secas* é muito fiel à obra literária com o mesmo título, escrita por Graciliano Ramos e publicada em 1938, durante um período de ditadura na história do Brasil (Estado Novo, que durou de 1937 a 1945)[1]. A extrema fidelidade ao romance se manifesta na capacidade de recriar seu entrecho em imagens e sons. Os gemidos do carro de bois (um veículo que não é visto em nenhuma cena), no prólogo e no epílogo do filme, construíu, com linguagem de cinema, um dos principais temas do romance: O que é ser um ser humano? Essas criaturas são seres humanos? A pergunta sobre a humanidade de tais pessoas não pode ser resolvida por uma desmedida ênfase na cadela Baleia, figura importante no romance e no filme. Ela está nos horizontes de reflexão sobre o mundo de sentimentos muito humanos e fantasias que os personagens Fabiano, Nha Vitória e seus dois filhos (chamados "os meninos") experimentam .

Note-se que a publicação do romance, em 1938, é parte de um momento da história literária do Brasil marcado por grande sucesso da Literatura regional, que incluía autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. O grupo foi caracterizado pela abordagem de problemas sociais do Brasil, especialmente no Nordeste.[2]

---

[1] RAMOS, Graciliano. *Vidas secas.* Rio de Janeiro: Record, 1977.

Vidas secas (Brasil). 1963. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Argumento: Nélson Pereira dos Santos., baseado no romance homônimo de Graciliano Ramos. Roteiro: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Luis Carlos Barreto, Herbert Richers Nelson Pereira dos Santos e Danilo Trelles. Distribuição: Sino Filmes, Riofilme e Sagres Vídeo. Música: Leonardo Alencar. Fotografia: Luis Carlos Barreto e José Rosa. Desenho de Produção: João Duarte. Edição: Nello Melli e Rafael Justo Valverde. Elenco: Átila Iório (Fabiano), Maria Ribeiro (Sinhá Vitória), Jofre Soares (Fazendeiro), Orlando Macedo (Soldado Amarelo), Genivaldo Lima, Gilvan Lima, Pedro Santos, Maria Rosa, José Leite, Antônio Soares, Clóvis Ramos, Gilvan Leite, Inácio Costa, Oscar Souza, Vanutério Maia, Arnaldo Chagas, Gileno Sampaio, Manoel Ordônio, Moacir Costa e Walter Monteiro. 103 minutos. Preto e branco.

SOUZA, Pompeu de, et al. *Roteiro de Vidas secas*. São Paulo: ECA/USP, 1970.

[2] MELLO E SOUZA, Antonio Cândido de. *Ficção e confissão: Ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Quando o filme foi feito (1963), o panorama da vida política e intelectual do Brasil era outro, marcado pelo prestígio de vanguardas artísticas, nomeadamente, a construção de Brasília, nova capital do país, pautada por urbanismo e arquitetura de modernidade extrema. O renascimento do romance de 1938 através do filme de 1963 mostra a persistência de graves problemas sociais no nordeste, agora criticados em nome de desenvolvimento.

A ação do romance não tem data específica, sugerindo que é a de sua publicação (1938, Estado Novo, ditadura, um Brasil que se dizia moderno desde a chamada Revolução a de 1930, caracterizada pela política econômica centralizada, por maior ênfase na indústria e pela introdução de legislação do trabalho para os toperários urbanos). No caso do filme, há uma indicação da data – começo passagem dos anos 30 para 40 do século XX -, o que significa que há uma história, um passado. Ao mesmo tempo, na contemporaneidade da filmagem (o governo de João Goulart, deposto em 1964 pela ditadura), eram discutidas "reformas de base" na sociedade brasileira, incluindo a Reforma Agrária para reduzir os grandes problemas sociais e a pobreza no Brasil rural.

Os nomes dos dois personagens adultos (Fabiano e Nhá Vitória) evoca significados que se opõem a suas experiênciass: o radical do nome de Fabiano é Febo, o deus grego Apolo, beleza contrastante com essa pobre vida. E o nome de Nhá Vitória lembra o sentido de vencer, ser vitorioso, também distante dessa vida tão miserável. Os dois meninos não têm nomes identificados, como se eles cumprissem uma função que repete a geração dos mais velhos. Cabe lembrar que no filme, os nomes não são mencionados, sabemos deles através do romance.

No início do filme, essas quatro pessoas caminham ao longo doo leito seco de um rio no nordeste do Brasil, na estação da seca, sob sol forte e calor. O grupo é completado por Baleia, que é uma cadela, e um papagaio mudo. Há cansaço, até fadiga. As pessoas levam poucos objetos sobre as cabeças e nas mãos. Eles são retirantes, pobres sem terra e desempregados que durante a estação seca, buscam ocupação (trabalho, sobrevivência) em outro lugar, longe de onde nasceram.

Há uma angústia que se manifesta em seus olharess, a ansiedade sobre a extrema dificuldade de se manter vivo. Sofrer a fome é o pior, já que nenhuma perspectiva imediata de resolução se apresenta. Pouco depois do início dessa história, Nhá Vitória

toma a decisão de matar e comerem o papagaio assado, comentando brevemente que ele não falava. Outra solução temporária para a fome é oferecida por Baleia, que caça um preá e o traz para o grupo humano, que o assa e agradece à cadela afetivamente.

Há também um silêncio profundo e angustiante entre essas quatro pessoas, uma mistura de segredo com a dificuldade da palavra. Ao longo do filme, os quatro (e até mesmo a cadela Baleia) se expressam através de monólogos interiores de vez em quando, pensando sobre o mundo e a vida. Mas a dificuldade de se expressar verbalmente figura como parte da dificuldade de viver e de sua condição de pobres. Pode-se até pensar que tanto no romance de Graciliano Ramos quanto no filme de Nelson Pereira dos Santos, quem fala desabaraçadamente também tem mais poder. Libertar-se da exploração em profundidade, para esta família pobre, também seria ter acesso a mais ampla expressão verbal.

O grupo encontra uma casa abandonada em uma fazenda desativada temporariamente e ali se instala de forma precária. Pouco depois, chega o dono da terra e alguns de seus capangas, ordenando-lhes para se retirarem. Fabiano afirma que é bom vaqueiro, trabalhor, e pede para ficar com a esposa e os filhos. O dono das terras autoriza a permanência, estabelece normas de trabalho, de produção e de opressão - o uso da terra e do gado, Fabiano receberia uma proporção muito pequena de filhotes nascidos como pagamento por seu trabalho.

Apesar da opressão, a mera possibilidade de ter um lugar para ficar, trabalhar e estar livre da fome é um motivo de alívio e alegria para Fabiano e sua família. O filme (como o romance) tem um carácter sazonal, onde há trabalho quando há chuva, a vida sem fome. Os meninos acompanham o pai no desempenho de algumas tarefas: enquanto Fabiano, a cavalo, cuidava do gado bovino (o mais forte e mais difícil de tratar), seus filhos tomavam conta das cabras. Os meninos encaram o Pai, vestido como um vaqueiro, ficam orgulhosos, eles parecem querer ser como ele. Baleia, a cadela, trabalha com eles. A lida se assemelha, brevemente, a uma atividade de lazer e alegria.

Nhá Vitória, por sua vez, cuida da casa, da comida, da sobrevivência diária da família. Ela exprime os sonhos e fantasias do futuro: dormir em uma cama com forro de couro, não varas. Ela cita um velho conhecido, Seu Tomás da Bolandeira, que tinha uma cama assim e dá a impressão até de que ela, um dia, foi para a cama do Seu Tomás... Seus sonhos humildes envolvem um futuro melhor para si mesma, o marido e os filhos,

a possibilidade de que os filhos não sejam retirantes pobres, camponeses sem terra. Portanto, há esperança de um mundo melhor.

Chega o tempo de remuneração paga a Fabiano por seu trabalho. Ele vai à casa de seu patrão (localizada na cidade), sente-se envergonhado, vê e ouve, mas fugazmente, um professor de violino, ensinando à filha do patrão, fica fascinado e ao mesmo tempo, dominado pela experiência de uma beleza que não está a seu alcance. O patrão paga alguma coisa, dá a impressão de que está enganando Fabiano. O trabalhador argumenta por um pagamento mais alto, citando cálculos feitos por Nhá Vitória. Mas é agressivavemente rejeitado pelo empregador, se submete a sua autoridade e até pede desculpas por ter usado os cálculos da esposa.

Nhá Vitória fica decepcionada com a fraqueza do seu marido enganado pelo patrão, mas mantém seus planos de usar o dinheiro para comprar um couro de boi e usá-lo como um forro esticado na cama, uma espécie de colchão mais confortável do que a cama de varas onde eles dormiam. Esse sonho indica uma maior atenção ao próprio corpo, a consciência de um direito.

Usando roupas novas, toda a família vai à cidade para participar de uma festa local. Uma vez lá, Nhá Vitória e seus filhos vão à Igreja Católica, Fabiano vai até um bar. Fabiano é atraído por um soldado da polícia, Soldado Amarelo, que o leva para um lugar onde são feitos jogos de azar e o vaqueiro perde dinheiro em várias ocasiões. Este decide se retirar dali e o Soldado Amarelo se se diz ofendido com a atitude do vaqueiro. É uma discussão tensa, com agressão do militar e quando há um esboço de reação de Fabiano, o Soldado Amarelo chama seus colegas policiais, prendem o trabalhador pobre, roubam seu dinheiro e espancam-no sem piedade. Ele permaneceu nessa situação triste, seu corpo gravemente ferido, até que seu patrão vai para a delegacia para libertar um outro homem (um cangaceiro), descobre o que estava acontecendo e exige que Fabiano seja liberado.

Isto não é um ato de justiça ou o reconhecimento dos direitos do trabalhador pobre. O que ocorre é esse patrão exercer sua autoridade diante da polícia, sendo Fabiano apontado como um dos seus trabalhadores e "protegido".

Diante de Nhá Vitória, Fabiano tem de enfrentar a ira da mulher por ter bebido, perdido dinheiro no jogo e sido preso. Seu companheiro de cela na prisão o convida

para se juntar ao bando de cangaceiros mas Fabiano opta por ficar com a família, a exploração do trabalho e a pobreza extrema de seu cotidiano.

Depois desse episódio, há uma crescente tensão vivida pelos personagens, a sensação de dor infernal, literalmente expressa no calor sentido por elas e expresso em monólogos paralelos de Nhá Vitória, Fabiano e o filho mais velho. No caso do último personagem, é um trecho de narrativa que usa a câmera subjetiva (o ponto de vista do menino) e mostra a mistura entre os sentimentos ea experiência objetiva da dor e do sofrimento.

Baleia, cadela fiel, perto do final do filme, parece muito doente e Fabiano opta pelo sacrifício. A agonia do animal aparece como um monólogo interior rico, a visão de um mundo povoado de preás, um calor suave, finalmente encontrada a felicidade - na morte, no entanto. As crianças sofrem muito com a morte do cão e são consoladas por Nhá Vitória, também muito triste pelo que acontecia. O romance apresenta-nos os últimos momentos de Baleia através de um profundo monólogo interior, em contraste com a dificuldade para se expressar verbalmente de Fabiano e sua família. No filme, esse monólogo foi transformado em belos planos fotográficos de um mundo cheio de preás para serem comidos, um mundo sem as grandes dificuldades que Baleia, Fabiano, Nhá Vitória e os meninos viviam.

Alguns intérpretes tendem a pensar que através desta passagem, Baleia aparece humanizada e Fabiano e sua família surgem como animais. Penso que essa simples inversão é um ato mecânico e perde de vista que, em última análise, a humanização de Baleia é feita por nós seres humanos, que lemos o livro e vemos o filme. Da mesma forma, o sentido da animalização de Fabiano e sua família é vivido por nós, seres humanos que sofremos diante da injustiça social no mundo e lutamos contra ela.

Outro momento importante é o encontro de Fabiano com o Soldado Amarelo, que o tinha agredido durante a prisão. Agora, o policial estava perdido na caatinga, à mercê do camponês armado. Fabiano poderia facilmente matá-lo sem ninguém saber. O vaqueiro, no entanto, nada faz até que o soldado saia desse lugar solitário. Ele conclui: *"Governo é o governo."* Isto é particularmente marcante pois significa abrir mão do próprio poder Ao mesmo tempo, a passagem mostra claramente que há um potencial para o poder em Fabiano, à espera de uma demonstração efetiva.

No desfecho do filme, retorna a seca, o proprietário das terras exige que Fabiano saia de lá com sua família e indica uma data em que devem partir e pagar o que devem - Fabiano ainda deve pagar por ter trabalhado lá! Nhá Vitória anuncia a necessidade de sairem antes que o fazendeiro chegue com seus capangas e o filme termina como uma espécie de avesso de sua abertura - retirantes a sair -, com o mesmo som de um carro de boi, sem a presença do veículo na cena. Há uma espécie de repetição do que foi visto no começo do filme - a seca, os retirantes, busca de outras terras e outras condições de vida - mas também uma nota de esperança, através de uma voz narrativa, que anuncia a possibilidade de mudança nas vidas dessas pobres criaturas